

Dossiê: Território, desejo e erotismo: cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro

Os percursos do desejo nas margens do Rio São Francisco em Juazeiro da Bahia

João Victtor Gomes Varjão

Universidade de São Paulo

jvgomesvarjao@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2651-5366>

RESUMO

Este artigo explora os percursos do desejo que imergem nas margens do Rio São Francisco, em Juazeiro da Bahia, por meio de uma abordagem etnográfica centrada nas experiências de sujeitos que frequentam esse território. A análise foca nas interseções entre sexualidade, vulnerabilidade econômica e territorialidade, destacando como os encontros e práticas sexuais nas margens produzem subjetividades e reconfiguram o espaço urbano. A partir da trajetória de Binho, um dos interlocutores principais, são discutidas as dinâmicas entre prazer, risco e precariedade que caracterizam as interações nesse contexto. O conceito de “territorialidade desejante”, inspirado em Néstor Perlongher, é utilizado para compreender como esses espaços não são apenas locais de exclusão, mas territórios criativos que desafiam normas sociais e produzem novas formas de sociabilidade. Por fim, o estudo reforça a margem como um espaço de invenção e transformação, onde o desejo opera como uma força produtiva, conectando corpos, afetos e territórios em fluxos contínuos.

Palavras-chave: Antropologia da sexualidade; Margens do desejo; Sexualidade; Territorialidade; Rio São Francisco.

The pathways of desire at the margins of the São Francisco River in Juazeiro, Bahia, Brazil

ABSTRACT

This article explores the pathways of desire emerging at the margins of the São Francisco River in Juazeiro, Bahia, through an ethnographic approach centered on the experiences of individuals who frequent this territory. The analysis focuses on the intersections between sexuality, economic vulnerability, and territoriality, highlighting how encounters and sexual practices at the margins produce subjectivities and reconfigure the urban space. Based on Binho's trajectory, one of the main interlocutors, the study discusses the dynamics between pleasure, risk, and precariousness that characterize these interactions. The concept of "territoriality of desire," inspired by Néstor Perlongher, is employed to understand how these spaces are not merely sites of exclusion but creative territories challenging social norms and producing new forms of sociability. Ultimately, the study reinforces the notion of the margin as a space of invention and transformation, where desire operates as a productive force, connecting bodies, affections, and territories in continuous flows.

Keywords: Anthropology of sexuality; Margins; Desire; Sexuality; Territoriality; São Francisco River.

Los caminos del deseo en los márgenes del río San Francisco en Juazeiro, Bahía, Brasil

RESUMEN

Este artículo explora los caminos del deseo que emergen en los márgenes del Río San Francisco en Juazeiro, Bahía, mediante un enfoque etnográfico centrado en las experiencias de los sujetos que frecuentan este territorio. El análisis se enfoca en las intersecciones entre sexualidad, vulnerabilidad económica y territorialidad, destacando cómo los encuentros y prácticas sexuales en los márgenes producen subjetividades y reconfiguran el espacio urbano. A partir de la trayectoria de Binho, uno de los principales interlocutores, se discuten las dinámicas entre placer, riesgo y precariedad que caracterizan estas interacciones. El concepto de "territorialidad deseante", inspirado en Néstor Perlongher, se utiliza para comprender cómo estos espacios no son únicamente sitios de exclusión, sino territorios creativos que desafían las normas sociales y producen nuevas formas de sociabilidad. Finalmente, el estudio refuerza la noción del margen como un espacio de invención y transformación, donde el deseo opera como una fuerza productiva, conectando cuerpos, afectos y territorios en flujos continuos.

Palabras clave: Antropología de la sexualidad; Márgenes; Deseo; Sexualidad; Territorialidad; Río San Francisco.

Introdução

Conheci Binho numa tarde à margem do Rio São Francisco, em Juazeiro da Bahia. Ele estava sentado na calçada, próximo aos quiosques e bares que se armam ao longo do dia e formam uma sociabilidade peculiar à beira-rio, centrada no consumo de bebidas alcoólicas, comidas e conversas descontraídas. Seu cabelo encaracolado destacava-se sob a luz do fim de tarde, enquanto seu porte de estatura média e músculos discretos o fazia parecer confortável naquele cenário, circulando com a naturalidade de quem já conhecia bem o espaço e as pessoas que o habitavam. Durante a tarde, observei Binho de longe, perambulando entre as mesas, trocando palavras com conhecidos e estranhos, sempre retornando a um dos quiosques, onde sua proximidade com o dono do estabelecimento era evidente. De vez em quando, ele se sentava ali, relaxado, com uma cerveja em mãos. O espaço em torno dele parecia pulsar com um ritmo próprio, marcado por risadas, olhares furtivos e uma descontração.

Quando o fluxo de pessoas começou a diminuir, ao cair da noite, Binho permaneceu. Conversava com alguns rapazes que ainda estavam dispersos pelas calçadas e pelas sombras das árvores. Sua risada era intercalada por goles de cerveja, e, em meio à descontração, sentei-me na calçada próxima. Notando minha presença, ele se aproximou, estendeu a mão e se apresentou: “Binho!”. Ele me contou que, pouco antes, um dos rapazes com quem conversava havia lhe feito um convite para transar. No entanto, Binho recusou. “Tinha marcado com uma mulher, mas ela me deu um cano e eu ainda estava ‘de pau duro’”, disse ele, com uma risada e olhar insistente. Intrigado, perguntei por que não tinha aceitado o convite. “Ele não queria me ajudar...”, respondeu, com um tom que combinava humor e uma malícia. Antes de se afastar, perguntou se eu não tinha alguma grana para ajudá-lo, sugerindo que, quem sabe, poderíamos “curtir juntos”.

Aquele foi o primeiro momento em que conversei com Binho. Com o tempo, ele se tornou uma presença constante em minhas idas às margens do rio. Ora o encontrava bebendo e conversando com outros rapazes, ora fumando maconha ou, às vezes, crack, ora caminhando entre as “brenhas” e “entocas” do espaço, em busca de alguma “ajuda” financeira que sustentasse seus desejos e necessidades do momento. Binho é um dos muitos homens que conheci à margem do Rio São Francisco, um espaço que reúne histórias, corpos, práticas e desejos emaranhados nas dinâmicas de uma cidade do interior. Sua trajetória, como a de outros rapazes que frequentam esse território, revela as complexas interseções entre sexualidade e território que permeiam algumas experiências eróticas à margem. Neste artigo, proponho explorar as experiências vividas e observadas

nas margens do Rio São Francisco, a partir da história de Binho e de outras dinâmicas corporais e relacionais que emergem nesse território. A análise se volta para os caminhos por onde circulam afetos, práticas eróticas, trocas materiais e táticas de pertencimento, compondo uma geografia relacional entre prazer, risco e exclusão. O objetivo é compreender que formas de vida se esboçam nesse entremedio e que espacialidades se constituem a partir das presenças que habitam a margem.

Etnografando nas margens do Velho Chico

Minha pesquisa de doutoramento, iniciada em 2021, tem sido desenvolvida de maneira intermitente, focando nas interações cotidianas, dinâmicas sexuais e sociabilidades que emergem à margem do Rio São Francisco, em Juazeiro da Bahia. Por meio da etnografia, busco compreender não apenas as práticas sexuais, mas também como elas constroem o território e se entrelaçam com as subjetividades de quem transita por esse espaço. O trabalho de campo começou de forma precária, em um contexto atravessado pela pandemia de Covid-19. Com o tempo e após a primeira dose da vacina, passei a frequentar a orla da cidade, uma região à beira do Rio São Francisco com uma pequena ciclovía de aproximadamente três quilômetros. Era no entardecer que me aventurava por esse caminho, redescobrindo a cidade a partir de um novo olhar. Os fluxos de pedestres, as barquinhas no rio, os bares e a rotina dos transeuntes conferiam à beira-rio uma sociabilidade própria, marcada pelas dinâmicas de tempo, lazer, dinheiro e trabalho. A opção metodológica pela etnografia se justifica não apenas pela necessidade de captar práticas corporais e sexuais que são fugidias e marginalizadas, mas também porque permite uma atenção especial às dimensões sensíveis, afetivas e espaciais que atravessam as experiências estudadas. Em territórios como a margem do Rio São Francisco, onde práticas desejantes coexistem com vulnerabilidades e riscos, a observação participante e a escuta próxima se tornam instrumentos centrais para desvelar as camadas complexas que estruturam o cotidiano. A etnografia, nesse sentido, não busca apenas registrar eventos, mas compreender os fluxos, intensidades e movimentos que compõem as territorialidades desejantes, respeitando a opacidade e a fluidez dos sujeitos envolvidos.

Conforme me acostumava ao espaço, comecei a perceber aspectos que fugiam ao habitual. Pequenos estranhamentos surgiam na paisagem que antes parecia familiar. Notava, por exemplo, os territórios escuros ao longo da ciclovía, marcados por arbustos, árvores e trilhas pouco iluminadas. Inicialmente, supus que esses espaços eram ocupados por usuários de drogas ou traficantes. A curiosidade tornou-se mais concreta ao

reconhecer um conhecido entrando em uma dessas áreas, a mais afastada da orla, onde predominavam a escuridão e um fluxo contido. Movido pela euforia de vê-lo desaparecer entre as árvores, desci da bicicleta e, disfarçadamente, o segui. Mais tarde, descobriria que aquele movimento — fingir observar a paisagem ou procurar um local para urinar — era uma estratégia comum entre os homens que frequentavam essas margens, como forma de não revelar intencionalmente seus objetivos. Naquele momento, meu corpo fervia de curiosidade enquanto empurrava a bicicleta e, com um impulso, adentrei no escuro.

Minha entrada às margens do rio pode ser compreendida como uma “zona de deriva”, no sentido proposto por Júlio Assis Simões (2008): uma incursão acidental, imprevisível e não planejada em territórios marcados pelo desejo. A margem, com suas trilhas e veredas sombreadas, não é apenas um espaço de práticas sexuais, mas um território que emana sensações e intensidades. Para os frequentadores, o ambiente é um catalisador de prazer:

Você já fica com uma coisa no corpo. Assim que você entra, você já fica com a adrenalina... A adrenalina sobe, entendeu? Eu não sei se é o cheiro de sexo que fica no lugar, não sei, mas alguma coisa tem que meio que já eleva os hormônios e a coisa no corpo, entendeu? (Entrevista realizada em 2024)

Nos meses seguintes, dediquei-me à observação sistemática da beira do rio, alternando conversas informais com registros detalhados em meu diário de campo. Posteriormente, realizei entrevistas de profundidade com os sujeitos que me aproximei, homens, majoritariamente negros, com idades variadas. Neste artigo, valho-me da entrevista que realizei com Binho para construção da análise. Ao longo do tempo, a partir de minha convivência e aproximação, percebi que as interações eróticas que ocorriam naquele espaço estavam intrinsecamente conectadas às práticas de consumo e lazer que caracterizam a sociabilidade ribeirinha. Essas dinâmicas, independentemente de envolverem transações financeiras ou não, revelavam a margem como um território denso de significados, em que as práticas sexuais, econômicas e sociais se entrelaçam na produção do espaço e das subjetividades que o habitam.

Interioridade, consumo e lazer

A princípio, é necessário refletir sobre o contexto urbano em que esta pesquisa se insere, bem como introduzir a dinâmica das pegações à margem do Rio São Francisco. A cidade de Juazeiro da Bahia, localizada ao norte do estado, possui uma população estimada em mais de 200 mil habitantes, composta majoritariamente por pessoas pretas e pardas, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Juazeiro está intimamente conectada à cidade vizinha, Petrolina, Pernambuco, que conta com mais de 380 mil residentes (IBGE, 2022). Essas cidades compõem o polo do Vale do São Francisco e estão profundamente entrelaçadas em aspectos demográficos, econômicos e culturais. Tal interdependência é fundamental para compreender a sociabilidade que se desenrola à beira do rio, vivenciada tanto pelos habitantes locais quanto por turistas que visitam a região. Essas cidades podem ser compreendidas como cidades do interior, ou pelo menos compartilhando uma "interioridade" (Gontijo e Erick, 2015). Esse conceito, amplamente explorado em estudos sobre diversidade e território (Domingues, 2019; Gontijo et al., 2020; Azevedo, 2021), descreve um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, atravessado por dinâmicas de etnicidade. Para Domingues e Gontijo (2020), a interioridade implica uma experiência ambivalente da urbanidade, onde tradição e modernidade se fundem: "um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, confundido pela dinâmica da etnicidade" em contextos diversos (Gontijo e Erick, 2015, p. 31).

Essa abordagem é valiosa para analisar as margens do Rio São Francisco, onde formas alternativas de sociabilidade urbana emergem, ressignificando o espaço. A noção de interioridade, no contexto desta etnografia, não se restringe à localização geográfica de Juazeiro, mas refere-se também a um conjunto de moralidades, silêncios e afetos que conformam os modos de viver e expressar o desejo. Como aponta Paulo Rogers Ferreira (2018), "há experiências do desejo e da sexualidade que são malditas porque precisam ser silenciadas, escondidas, desfeitas para que se possa viver" (Rogers, 2005, p. 50). Essas experiências não são apenas reprimidas, mas mal ditas — não ditas, indizíveis dentro de certas normas comunitárias. O interior, nesse sentido, produz um regime de visibilidade e de indizibilidade, em que o desejo dissidente se torna perigoso não só pelo risco físico ou legal, mas pelo medo da fala, do olhar, da vergonha. A margem aparece então como território onde esses afetos malditos encontram espaço para escorrer: ela oferece um abrigo precário, mas necessário, àquilo que a cidade interiorana recusa nomear.

No caso de Juazeiro e Petrolina, as margens do rio desempenham um papel central nas dinâmicas de sociabilidade e desejo, em parte devido à limitação de espaços voltados exclusivamente para a sociabilidade homossexual e erótica, como saunas e cinemas pornôs. No entanto, essa escolha não é apenas resultado de uma ausência de opções; ela reflete também preferências, acessibilidades e desejos particulares dos frequentadores. A margem oferece uma combinação única de lazer, consumo e encontro, compondo um espaço híbrido que mistura trabalho, prazer e improvisação. Ao longo das margens do rio, especialmente no lado de Juazeiro, os bares e restaurantes locais desempenham um papel fundamental na constituição da sociabilidade ribeirinha. Caracterizados pelo consumo de bebidas alcoólicas e uma culinária baseada em peixes, esses estabelecimentos criam um ambiente que atrai dezenas de frequentadores regularmente, com maior concentração nos finais de semana. As mesas e cadeiras de plástico, marcas de cerveja e música ambiente difundida por caixas de som compõem uma experiência sensorial rica, onde o lazer e o consumo se entrelaçam com o usufruto das paisagens e das águas do São Francisco, por isso, a frequência é maior em períodos ensolarados.

Minhas observações apontam para uma presença predominante de pessoas negras nesses espaços, sobretudo homens e mulheres cisgêneros pertencentes a estratos socioeconômicos mais baixos. Apesar da localização na orla, onde também existem bares mais elitizados, esse público recria formas acessíveis de lazer e consumo, desafiando a dinâmica mais excludente dos espaços vizinhos.

Além do consumo de alimentos e bebidas, há um uso significativo de substâncias psicoativas, como cocaína, maconha e crack, que frequentemente desempenham um papel importante nas interações eróticas. Essas substâncias, associadas às práticas de trabalho sexual, contribuem para a complexidade do ambiente e para a criação de um espaço único, onde as fronteiras entre lazer e necessidade econômica são constantemente negociadas. As trilhas e veredas escuras se estendem e constituem espaços cruciais para essas interações. Muitos frequentadores, como Binho, transitam entre os bares e essas áreas buscando formas de sustento. Essa dinâmica exemplifica como o consumo e as interações eróticas estão intrinsecamente conectados, criando uma sociabilidade única à margem do rio. As práticas observadas revelam a complexidade da relação entre consumo, lazer e desejo em um espaço marcado pela ambivalência. A margem, longe de ser apenas um espaço marginal, emerge como um território dinâmico e multifacetado, onde o prazer, o trabalho e a sociabilidade se misturam, ressignificando as noções de interioridade e urbanidade.

As pegações nas margens do rio São Francisco

A pegação, termo amplamente usado pelos frequentadores, descreve tanto as práticas sexuais quanto os espaços em que elas ocorrem. Como apontam Oliveira e Nascimento (2015), o conceito é polissêmico, abrangendo flertes, namoros, beijos, masturbações e outras interações. Nas margens do Rio São Francisco, a pegação assume múltiplas formas, indo de olhares e insinuações a interações físicas mais explícitas, mediadas pela fluidez dos interesses e dinâmicas entre os envolvidos. O público das pegações é majoritariamente masculino, composto por homens de diferentes origens, idades e condições socioeconômicas. Algumas interações envolvem transações monetárias, mas isso não é uma regra fixa. Muitos homens que frequentam as margens, ora atuam como prestadores de serviços性uais, ora buscam sexo casual ou simplesmente sociabilidade. No entanto, para alguns, especialmente homens em situação de rua ou usuários de crack, a troca monetária é uma parte mais constante dessas interações. Esses sujeitos frequentemente pedem “ajuda” financeira em troca de interações sexuais, revelando uma dinâmica em que vulnerabilidade e desejo se misturam.

As dinâmicas de pegação observadas nas margens do Rio São Francisco revelam também uma articulação constante entre prazer e risco. A clandestinidade das interações, favorecida pela escuridão e pela invisibilidade social, cria um ambiente propício para o exercício de práticas sexuais que desafiam normas hegemônicas de sexualidade e espaço urbano. Essa dimensão de risco — seja ele relacionado à violência, à repressão ou à vulnerabilidade socioeconômica — não elimina o prazer, mas o atravessa, tornando-o mais intenso e, em certos casos, inseparável da própria experiência desejante. A tensão entre perigo e prazer configura, portanto, uma camada constitutiva da territorialidade desejante que marca as margens. A escuridão noturna das margens é um elemento central nesse território. O espaço, semelhante a um parque aberto, torna-se propício para encontros devido à ausência de iluminação adequada, intensificando as interações no período noturno. Frequentadores solitários ou em pequenos grupos caminham pelas trilhas, dialogam, observam furtivamente ou se aproximam uns dos outros, compondo uma trama de sociabilidades discretas e clandestinas. Corpos transformados em silhuetas que se movem entre as sombras, enquanto as trilhas discretas abrem caminhos para encontros. Essas veredas são, ao mesmo tempo, espaços de prazer e perigo, articulando riscos e vulnerabilidades que moldam as experiências de seus frequentadores.

Percursos do desejo

Binho, cuja história abre este artigo, também encarna essas dinâmicas em sua relação com o território. Seus percursos pela margem — entre os bares, as trilhas e os encontros que ele negocia — demonstram como desejo, economia e vulnerabilidade se enredam na construção do espaço. Como ele mesmo afirmou em nossa primeira conversa, “o cara não queria me ajudar...”, expondo as complexas trocas que estruturam a pegação e como elas transcendem a mera busca por prazer. A partir de suas experiências e de outros interlocutores, torna-se evidente que as margens não são apenas um espaço de exclusão, mas também de subjetivação e experimentação, onde as dinâmicas sociais e sexuais são constantemente reconfiguradas.

Quando o conheci, ele tinha 30 anos. Considerava-se pardo, pois sua mãe era branca e seu pai, moreno: “Por isso nasci assim, ó, liso e meio cacheado. A genética da minha mãe misturou com a do meu pai”. Na última vez que nos encontramos, ele estava com a perna fraturada devido a um acidente de moto e me disse estar morando na casa de uma amiga, aspecto particular em sua vida. Ele tem um filho com uma “coroa” (uma mulher mais velha e com alguma estabilidade financeira), como disse, que o convidou a morar com ela depois de abandonar a casa dos pais aos 18 anos. Em uma de nossas conversas, ele me narrou sua primeira experiência com outro homem.

Binho: Eu tava na beira do rio e chegou um homem. Perguntou se eu curtia essas coisas com outro homem e eu falei que não, mas ele me ofereceu uma boa quantia de grana e eu tava precisando e eu tive que agarrar essa oportunidade. E fiz umas coisas com ele, entendeu? Fiz sexo com ele, transei com ele e tal, com preservativo e tudo certo.

João: Naquele momento, você já tinha sentido prazer por algum homem? Você já tinha ficado com algum homem desde então ou não?

Binho: Não, nunca não.

João: Essa foi a primeira vez que você se encontrou.

Binho: Daí a pessoa vai se adaptando, vai se acostumando.

João: Então você passou a gostar?

Binho: Sim, sim, sim. Eu passei a gostar, achei interessante. Às vezes ainda me chamam, né, pra fazer essas coisas, mas... Muitas vezes eu recuso, mas se pôr uma grana... E como eu tô nesse meio, como você sabe, o que eu tento fazer é aceitar.

A trajetória afetivo-sexual de Binho é bastante interessante para meu argumento. O envolvimento inicial dele com outros homens é mediado pela troca monetária, evidenciando que as dinâmicas de desejo na margem se misturam com questões de vulnerabilidade econômica. No entanto, esse desejo pode emergir e propriamente se construir a partir dessas experimentações propiciadas pelo contexto das margens. Esse ponto é fundamental, pois reforça que o desejo não é algo estático, mas mutável, construído e reconstruído a partir de experiências e circunstâncias específicas, conforme argumentam Néstor Perlongher (2008) e Isadora Lins França (2013) em suas análises sobre o “percurso do desejo”.

“Percuso do desejo” é uma expressão de Néstor Perlongher (2008, p. 226) que destaca a mutabilidade do desejo, seus próprios movimentos e trânsitos. Assim como o próprio desejo se faz e refaz, as identidades e os relacionamentos também são moldados por experiências vividas, encontros e interações sociais. Isadora Lins França (2013) recorre aos argumentos de Perlongher (2008) para destacar a capacidade de o desejo se fazer e refazer. Em sua análise, França nota não estar apenas tratando de “itinerários percorridos por homens que portam um desejo já cristalizado: não são apenas percursos relacionados ao desejo, mas também o próprio percurso do desejo” (2013, p. 32). A ideia de que o desejo é mutável indica que ele não possui um estado fixo, mas, sim, pontos de encontro, furtivos e emaranhados, como as brenhas e as entocas à margem do rio. A noção de adaptabilidade, expressa por Binho quando afirma que “a pessoa vai se adaptando”, revela essa transformação ao longo do tempo. O desejo, inicialmente motivado por trocas materiais (dinheiro), acaba se incorporando à experiência subjetiva de Binho, que “passou a gostar” dessas interações, ao mesmo tempo, em que negocia a continuidade ou não dessas práticas em função de ofertas financeiras.

A entrada de Binho nas dinâmicas das margens foi mediada por sua condição de vulnerabilidade econômica. No entanto, sua narrativa demonstra que ele não é um sujeito passivo diante das circunstâncias que o atravessam. Quando afirma “muitas vezes eu recuso, mas se põe uma grana... eu tento aceitar”, Binho explicita um processo de negociação que envolve escolhas, recusas e estratégias de adaptação ao território. Essa agência é central para compreender os percursos do desejo nas margens. Como argumentam Veena Das e Deborah Poole (2004), sujeitos em contextos de exclusão negociam suas posições dentro de sistemas opressivos, exercendo formas de autonomia que, embora limitadas, permitem transformar sua relação com o espaço e consigo mesmos.

Para Binho, a margem é um lugar de encontros e negociações, aonde ele navega entre prazer e necessidade, risco e escolha. Essa capacidade de transitar entre diferentes papéis revela a complexidade de sua subjetividade, que não se reduz às condições materiais que o circunscrevem.

Outro ponto importante é a forma como ele se posiciona em relação ao seu envolvimento. Binho demonstra uma consciência de sua inserção nas dinâmicas marginais, mencionando que “muitas vezes recusa”, mas também aceita as propostas quando há “uma grana”. Isso reflete o caráter limiar de sua posição, um constante movimento entre desejo, necessidade e escolha. Essa fluidez, presente na vida de Binho, é também característica do espaço que ele ocupa — as margens, onde as fronteiras entre prazer, risco e precariedade se tornam complexas e permeáveis. A trajetória de Binho exemplifica os “emaranhamentos” das margens — mais do que meros encontros casuais, as experiências e trocas na margem reverberam na subjetividade e moldam a vida e os desejos dos sujeitos que transitam por esse território.

A narrativa de Binho evidencia a interseção entre prazer, risco e precariedade que caracteriza a margem. Ele descreve como sua entrada nas dinâmicas homoeróticas foi inicialmente mediada por uma troca financeira, mas rapidamente se transformou em algo que ele passou a gostar. Contudo, sua vivência na margem não está isenta de riscos. Como argumenta Maria Filomena Gregori (2021), o risco é uma dimensão intrínseca das práticas marginais, onde o prazer e o perigo coexistem em dinâmicas que desafiam as normas sociais. Para Binho, esse entrelaçamento é parte de sua experiência na margem, moldando tanto suas escolhas quanto sua relação com o território.

Territorialidade desejante

Néstor Perlongher (1987), ao discutir os “códigos-territórios”, apresenta a ideia de que a mobilidade dos sujeitos, especialmente dos michês, transcende uma fixação espacial rígida. Esses indivíduos transitam entre diferentes lugares e categorias classificatórias, evidenciando a fluidez nas identidades e nos papéis que assumem de acordo com os contextos (Simões, 2008). O conceito de “código-território”, inspirado em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), sugere que o território não deve ser entendido apenas como um espaço geográfico fixo, mas como superfícies de inscrição de códigos sociais nos corpos. Assim, a territorialidade articula o espaço físico e as redes de significados que moldam as experiências e deslocamentos dos sujeitos. Essa abordagem é útil para pensar a margem

do Rio São Francisco como um território dinâmico, em que prazer, dinheiro, drogas e sociabilidades sexuais se entrelaçam, borrando identidades e classificações estáveis.

Utilizando o conceito de territorialidade de Néstor Perlongher (1987), pode-se observar que esses espaços são organizados por fluxos e encontros que borram as fronteiras identitárias, revelando como o desejo, o prazer, o dinheiro e as substâncias químicas se entrelaçam em sociabilidades complexas. A margem deve ser entendida como um território de deriva desejante, onde o desejo não é fixo, mas se movimenta, atravessa corpos e redes, desenhando novos modos de ser e habitar a cidade.

A margem do Rio São Francisco não é apenas o cenário das experiências de Binho, mas um território ativo que molda as práticas e subjetividades dos frequentadores. Os esconderijos conhecidos como “brenhas” e “entocas” configuram o que Perlongher (1987) denomina de “territorialidade desejante” – espaços onde o desejo é produzido por meio dos encontros e das práticas que escapam às normas da cidade formal. Para Binho, a margem é um espaço de exploração, mas também de pertencimento parcial. É ali que ele negocia sua relação com o desejo, utilizando o território como lugar de experimentação e transformação. Essa territorialidade desejante é marcada por uma tensão constante entre visibilidade e invisibilidade, onde as práticas dissidentes podem emergir sem o controle normativo do centro urbano. Além disso, a produção da margem enquanto território desejante dialoga com a noção de território como construção social, como apontam autores como Henri Lefebvre (2006) e Milton Santos (2001). Para Lefebvre (2006), o espaço não é apenas um dado físico, mas um produto social, constituído pelas práticas, relações e representações que nele se realizam. Já Santos destaca que o território é o espaço usado, apropriado e vivido pelos sujeitos em sua concretude cotidiana. Nesse sentido, as margens do Rio São Francisco podem ser compreendidas como territórios desejantes porque são constantemente (re)produzidas pelas práticas eróticas, químicas e econômicas dos frequentadores, configurando uma espacialidade viva e mutável. Essa perspectiva reforça a compreensão da margem como um espaço ativo de invenção, transformação e resistência, e não apenas de exclusão ou precariedade.

A margem também se revela como um espaço de criação, onde as fronteiras entre público e privado, normatividade e transgressão, são constantemente negociadas. Para Binho, as trilhas e os esconderijos são mais do que lugares físicos; são territórios simbólicos que moldam e são moldados pelas práticas desejantes. Conforme me

aprofundei nas dinâmicas da margem, outros desejos começaram a se revelar¹. O desejo por substâncias, como maconha, crack e álcool, mostrou-se muito presente. Junto a ele, percebi o desejo por dinheiro, que se manifesta em práticas de trabalho sexual, furtos e roubos. Além disso, há o desejo pelo uso da cidade, seja para lazer, descanso ou simplesmente para tomar banho nas águas do rio. Esses desejos, longe de serem compartmentados a determinados sujeitos, entrelaçam-se em uma complexa territorialidade desejante nos fluxos e nos encontros. Nas margens, os desejos — sejam eles eróticos, químicos ou financeiros — se misturam e se reconfiguram, criando um espaço onde as fronteiras urbanas se borram. Observar os sujeitos e os encontros nessas brenhas e entocas permite observar os percursos do desejo, seu movimento, sua fuga, sua desterritorialização, como no caso de Binho.

A margem do desejo

Citei a trajetória de Binho, mas, nas margens, há uma intensa perambulação de homens de diferentes perfis, estratos sociais e identidades. Nessa perambulação, encontrei homens heterossexuais e pais de família, assim como homens gays, pintosas e “do meio”. A questão da renda também varia: alguns homens pertencem a classes mais altas, ostentando carros de luxo, enquanto outros vivem em situação de rua, perambulando descalços e enfrentando a precariedade urbana. Um deles era um homem de aparência recatada, que já havia visto circulando pela cidade com sua esposa e filhos. Costumava aparecer nas margens à tarde, sempre trajando roupa social, como se tivesse saído do trabalho. Evitava conversas longas, mantinha-se mais pelos cantos, observando discretamente o movimento. Tinha preferência por pagar aos rapazes por sexo, mas, por vezes, também se envolvia em encontros sem troca financeira. Sua postura era cautelosa: evitava qualquer aproximação mais prolongada, mantendo o silêncio como estratégia. O modo como administrava sua presença naquele espaço indicava o risco que carregava: seu corpo se dividia entre dois mundos, e a margem era, para ele, um intervalo tenso entre desejo e vida familiar.

¹ Defendo a possibilidade de uma antropologia do desejo, como refletido por Victor Hugo de Souza Barreto e Maria Elvira Díaz-Benítez (2023, p. 07): “Desejo, na proposta deleuziana, é entendido como vontade, como algo que nos coloca em movimento, o que constitui nossos interesses pelas coisas e que encadeia nossos afetos. Somos ‘máquinas desejantes’ (Deleuze; Guattari, 2010; 2011) e, como tal, estamos sempre agenciando nossos desejos e produzindo subjetividades.”

Já outro frequentador, gay assumido e bastante articulado, morava sozinho e tinha uma vida sexual bastante ativa também fora da margem, sempre me relatando suas experiências. Era baixo, falante e carismático — e logo nos tornamos amigos. Chegava sempre no meio da tarde e ficava até o início da noite, passeando com naturalidade entre os bares e trilhas. Tinha uma capacidade de sedução que me impressionava. Era comum que, ao vermos juntos um homem “machão”, eu comentasse com dúvida: “Esse aí deve ser hétero”. E ele, com malícia, respondia: “Quer apostar que eu pego ele?”. Ia até o homem, trocava algumas palavras e logo os dois desapareciam juntos entre as entocas. Embora pudesse viver sua sexualidade em outros contextos, ele afirmava preferir a margem pela facilidade de encontros e por saber que encontraria homens com o perfil que lhe atraía, os sigilosos. Como ele me disse em uma conversa:

Amigo, na verdade o interesse é sexual e a facilidade sexual também, né? E ter o público que eu gosto, me curtir, entendeu? Esses caras mais héteros, que querem o sigilo. E você também acaba não se expondo, porque eles não vão falar e nem você vai falar. Então é bem mais de boa. (Entrevista realizada em 2024)

A margem, para ele, era uma zona de conveniência e sigilo mútuo, onde o desejo podia ser satisfeito sem comprometer as aparências. O prazer estava imbricado na própria clandestinidade. Essa diversidade se estende às motivações que levam esses homens à margem, o que implica que essas práticas e sujeitos não podem ser categorizados rigidamente. Apesar dessas diferenças, no entanto, há um ponto comum entre os frequentadores da margem: todos estão ali movidos pelo desejo. Esse desejo assume múltiplas formas – desejo erótico, desejo químico, desejo financeiro – e é o motor que impulsiona a perambulação pela margem.

Embora muitos frequentadores da margem tenham vidas que se estendem para além dela — com vínculos familiares, moradias, trabalhos temporários ou redes de apoio — para alguns sujeitos, especialmente aqueles em situação de rua, esse território assume uma centralidade quase cotidiana. A margem não é apenas um ponto de encontro, mas lugar de estar: onde se dorme, se fuma, se transa, se busca companhia, proteção ou esquiva. Para outros, como Binho, que mesmo em contextos de vulnerabilidade mantém algum trânsito entre casas, amigos e outras zonas da cidade, a margem opera como uma zona de circulação afetivo-sexual, quase sempre recorrente. Já para homens com maior estabilidade social, como o frequentador de roupa social que citei antes, o espaço funciona como ponto

de evasão — visitado com cuidado, discrição e fugacidade. Essas diferenças de uso e intensidade revelam que a margem não é um lugar único, mas uma multiplicidade de territorialidades em disputa e coexistência.

Aqui, gostaria de introduzir a noção da “margem do desejo”. Esse conceito que rascunho busca compreender margem como um espaço onde o desejo se manifesta de forma intensa, nas dobras da cidade, atravessando corpos e subjetividades e afetando o próprio tecido urbano - um espaço de criação e transformação, onde novos modos de ser e de desejar emergem. A margem do Rio São Francisco, enquanto território do desejo, evidencia uma geografia social dinâmica e mutável, onde corpos, afetos e identidades se entrelaçam e se transformam continuamente. Essa margem do desejo se constitui como um lugar de potência criativa, onde o espaço e o desejo se movimentam, questionando as divisões entre centro e periferia, e revelando a complexidade das sociabilidades sexuais da urbe interiorana.

A relação de Binho com o território da margem, aonde ele vai “beber, fumar maconha e crack” e se aventurar sexualmente, indica como esse espaço funciona como um território de exploração pessoal, um lugar de reconfiguração de práticas e desejos. A convivência com o risco e a marginalidade transforma não só o modo como ele vivencia sua sexualidade, mas também sua relação com o corpo, com outros homens e com as trocas econômicas que ocorrem nesse espaço. A trajetória de Binho, portanto, exemplifica os “emaranhamentos” mencionados no início — mais do que meros encontros, as experiências e trocas na margem reverberam na subjetividade e moldam a vida e os desejos dos sujeitos que transitam por esse território.

O desejo que atravessa a margem está sempre imbricado com a iminência do perigo. Essa tensão se expressa não apenas nos silêncios e nos códigos de aproximação, mas nas condições materiais do espaço e nas experiências que ele carrega. A ausência de iluminação pública, os becos escondidos, as trilhas em meio ao mato e o abandono institucional produzem um ambiente onde o prazer é também negociação constante com o risco. Já ouvi relatos de roubos durante a pegação, de ameaças com facas ou estiletes, especialmente em situações em que o encontro envolvia disputa por dinheiro ou substâncias. A circulação de crack e cocaína também marca a paisagem, gerando tensões entre usuários, revendedores e outros frequentadores. A polícia, quando aparece, não age de forma protetiva: há registros de abordagens violentas, especialmente contra travestis e jovens negros em situação de rua. Mas o perigo não desativa o desejo — ao contrário, muitas

vezes o intensifica. O risco é calculado, incorporado, negociado e faz parte do frisson que move os encontros.

A margem se configura como um território de deriva, onde pulsões, trocas e experimentações produzem modos de vida que escapam às classificações rígidas. É nesse deslocamento, entre sombra e presença, que os sujeitos reconfiguram suas formas de habitar a cidade. Esse percurso do desejo, como explorado por França (2013) e Perlongher (1987), revela a capacidade de o desejo se transformar em fluxo, misturando-se aos outros desejos — monetários, químicos e afetivos. Os encontros que ocorrem nas “brenhas e entocas” da margem se constituem como momentos de materialização do desejo, produzindo relações que não se fixam em identidades estanques, mas fluem e se reorganizam conforme as circunstâncias e os códigos sociais que operam naquele território.

A margem é, assim, mais do que um espaço geográfico; é uma superfície onde as identidades e os desejos são inscritos, desafiados e muitas vezes desfeitos, dando lugar a novos modos de viver e desejar. Essas dinâmicas, observadas etnograficamente nas margens do Rio São Francisco, revelam que a margem não é apenas um espaço de exclusão e/ou marginalidade, mas um território onde novos percursos de desejo e subjetividade emergem. O que ocorre nesse espaço é uma supercodificação das relações sociais — um “emaranhado rizomático do desejo” — em que as interações sexuais, monetárias e químicas se entrelaçam em fluxos contínuos, evidenciando as complexas negociações de prazer e perigo que se desenrolam na margem.

Nas margens, os encontros e os fluxos permitem que o desejo se misture — desejo erótico, desejo monetário, desejo químico — nas entocas como pontos em que o desejo se materializa e produz relações, cujas veredas apresentam propriamente os percursos que o desejo traça (França, 2013; Perlongher, 2008); os percursos do desejo, em sua mutabilidade, movimento e trânsito (Passamani, Marques, Efrem, 2022) no contexto urbano. Essa zona fronteiriça se produz na própria tensão entre o prazer e o perigo (Gregori, 2016) antes informando os emaranhados que o desejo produz nos sujeitos. Como defendem Passamani, Marques e Efrem (2022), a partir do argumento perlonghiano, o desejo produz um percurso, mas esse território também se movimenta e se transforma a partir do desejo. Por outro lado, argumento que isso é etnograficamente possível de se observar nas margens do Rio São Francisco, a partir de sociabilidades entre homens em Juazeiro da Bahia.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, busquei demonstrar como as práticas sexuais e os encontros nas margens do Rio São Francisco se configuram como formas de produzir territorialidades desejantes, centrando a análise na trajetória de Binho. Essas práticas são mediadas por dinâmicas de vulnerabilidade e agência, que reconfiguram tanto os corpos quanto os espaços por onde esses desejos transitam. As “brenhas” e “entocas” emergem não apenas como metáforas de percursos escondidos, mas como os próprios territórios do desejo, revelando fluxos e negociações que desestabilizam as normatividades do centro urbano.

A noção de “margem do desejo”, apresentada neste texto, aponta para um espaço onde subjetividades são constantemente transformadas. Não se trata de reduzir a margem a um local de carência ou exclusão, mas de reconhecê-la como um território criativo, onde o desejo opera como força produtiva, gerando novos sentidos para os corpos e suas relações com a cidade. No caso de Binho, o desejo emerge de circunstâncias inicialmente marcadas pela precariedade econômica, mas se transforma em algo mais amplo, capaz de redesenhar suas interações com o outro e consigo mesmo.

Ao iluminar essas dinâmicas, o estudo contribui para uma compreensão mais ampla das práticas sexuais dissidentes em cidades do interior, evidenciando como os desejos não apenas transitam pelos espaços urbanos, mas também os transformam. Em contextos como o de Juazeiro da Bahia, onde a interioridade reconfigura as relações entre centro e margem, o desejo opera como uma força vital que desestabiliza normatividades, ressignifica territórios e produz novas formas de sociabilidade. Assim, a análise das margens do Rio São Francisco evidencia a potência dos percursos desejantes para a produção de cidades mais complexas, plurais e tensionadas por modos de vida que escapam às categorias tradicionais de análise urbana e sexual. As territorialidades que se formam nesses encontros desafiam categorizações fixas e promovem formas de ocupação que borram as fronteiras entre público e privado, normativo e dissidente. Ao situar o desejo como um fluxo contínuo e transformador, este trabalho destaca a potência criativa das margens como territórios vivos, capazes de produzir novas sociabilidades e reorganizar as relações entre centro e periferia. Assim, a análise desloca a visão tradicional da margem como um espaço de exclusão, para reafirmá-la como um lugar de invenção e reconfiguração.

Referências

- BARRETO, Victor Hugo; DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Por uma antropologia do desejo e do prazer: notas para uma cartografia líbídinal do social*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 66, p. e226607, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8672240>. Acesso em: 14 jan. 2025.
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e queixas: Um estudo sobre sexualidade e violência contra mulheres*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FRANÇA, Isadora Lins. "Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), n. 14, p. 13–39, ago. 2013.
- LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Tradução de Doralice Silva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. "Corpo aberto, rua sem saída: cartografia da pegação em João Pessoa". *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro: 2015.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PARKER, Richard. *Corpo, prazer e perigo: A sexualidade no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- SANTOS, Milton. Território, território usado. In: _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 77-89

Agradecimentos

Uma versão do argumento deste texto foi apresentada no 48º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) em 2024 no Simpósio de Pesquisas Pós-Graduadas, número 39, intitulado “Sexualidade e Gênero: políticas, direitos e sujeitos”, coordenada por Vanessa Sander e Pedro Lopes, cujos

João Varjão

comentários agradeço de antemão. Agradeço também a Maiara Damasceno da Silva Santana pela leitura e comentários valiosos.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Recebido em 21 de janeiro de 2025.

Accepted on 12 May 2025.